

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA: MOVIMENTO MÁGICO, MORALISTA E PROSELITISTA

Um sopro do espírito: A renovação conservadora do catolicismo carismático.
São Paulo, Edusp/Fapesp, 1997,
de Reginaldo Prandi.

por Ricardo Mariano*

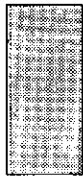
Duas décadas depois da publicação de sua dissertação de mestrado, *Catolicismo e família: Transformação de uma ideologia*, Reginaldo Prandi¹, o mais destacado pesquisador dos cultos afro-brasileiros na atualidade, retoma os estudos sobre a Igreja Católica. Ao contrário da pesquisa realizada na primeira metade dos anos 70, que mostrava a forçosa, titubeante, mas progressiva acomodação aos valores modernos das normas católicas relativas às esferas do lazer, da educa-

ção, do casamento, do comportamento sexual e da transformação ideológica — ressaltando-se, de caráter eminentemente secularizante —, nesta obra o autor dirige sua reflexão sociológica para um movimento leigo incontestavelmente retrógrado nos planos político, religioso e comportamental: a Renovação Carismática Católica (RCC). Pois, na contramão daquele movimento e do ativismo político das CEBs, a RCC, densamente sacral e mágica, vem se expandindo com a finalidade de suprir, por meio de uma orientação radicada em valores estritamente ético-religiosos, o vazio axiológico acarretado, em parte, pela própria modernização da Igreja.

Tal escolha não chega a surpreender. Decorre das profundas mudanças ocorridas no campo religioso latino-americano nas últimas décadas (a derrocada constante da hegemonia católica concomitante à consolidação de um amplo e diversificado mercado religioso) e do extraordinário sucesso numérico da RCC, que, já em 1994, com 3.800.000 adeptos adultos no país,

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP.

¹ Deve-se frisar que o livro é uma obra coletiva. A introdução foi feita em colaboração com o prof. dr. Flávio Pierucci. Com exceção de um único capítulo, assinado apenas por Reginaldo Prandi, todos os demais foram escritos coletivamente com alunos de graduação em ciências sociais na USP, cada um deles participando da elaboração de um ou outro capítulo, às vezes de mais de um. Os alunos e bolsistas são: André Gambier Campos, André Ricardo de Souza, Fernando Farias Valentin, Glauber Piva Gonçalves, José Américo Justo, Maria Cecília Dias de Miranda, Rita de Cássia Telles e Góes, Roberto Miranda da Silva e Rogério Abramo Pretti.



somava o dobro dos membros das CEBs. Neste contexto pluralista e cada vez mais secularizado, a RCC, conservadora, proselitista e submissa à hierarquia eclesiástica, viria a desempenhar, com relativa eficácia, funções imprescindíveis para a Igreja Católica, ou ao menos para suas alas tradicionais, ao tornar-se, logo no princípio do pontificado do papa João Paulo II, poderosa aliada do Vaticano para barrar o crescimento das “seitas” pentecostais, combater a Teologia da Libertação e recuperar parte do rebanho desgarrado.

Baseado numa extensa pesquisa de campo realizada, de 1992 a 1996, no estado de São Paulo (região metropolitana, cidades do interior e litoral) e, em menor medida, em Brasília e nas capitais Natal, Fortaleza, São Luís, Belém, Recife, Porto Alegre e Florianópolis, o livro preenche importante lacuna nos trabalhos sobre religião no Brasil, pois, apesar de toda sua expansão e influência, ainda muito pouco se conhece acerca da RCC. São escassas as publicações acadêmicas que lhe reservaram lugar de destaque. Daí que, para familiarizar o leitor com um universo religioso quase desconhecido, *Um sopro do espírito* apresenta, nos três primeiros capítulos, um caráter marcadamente introdutório. Neles, o autor relata, sumariamente, o contexto católico em que a RCC surgiu (logo após o Concílio Vaticano II), revela sua história, expõe sua doutrina — que, tal como a do pentecostalismo, se baseia nos dons do Espírito Santo (com ênfase nos dons de línguas e de cura) —, descreve suas práticas religiosas (cânticos, orações, leitura bíblica, testemunhos, exercício de dons espirituais) e o funcionamento dos grupos de oração nos lares (complementares

à frequência aos sacramentos), das reuniões e missas de cura e dos cenáculos, mega-encontros anuais em ginásios de esporte e estádios de futebol.

Nascida em 1967, nos Estados Unidos, durante retiro espiritual de cerca de trinta docentes da Universidade de Duquesne, Pittsburgh, influenciados por episcopais e presbiterianos “pentecostalizados”, a RCC chegou ao Brasil antes que se encerrassem os revolucionários anos 60. Movimento leigo com sede mundial em Roma, a RCC, segundo Prandi, adotou desde seu início a estratégia de aderir à estrutura eclesiástica, conquistando paróquias e bispados e convertendo padres, bispos e cardeais. Com uma teologia intimista e puritana, isto é, que valoriza o indivíduo e a família, impõe rígido controle dos costumes e da sexualidade e desvaloriza a militância política e as questões coletivas referentes à justiça social, a RCC não teve maiores dificuldades em encontrar guarida e respaldo nos setores conservadores da hierarquia eclesiástica. Bem mais difícil tem sido a aceitação, por parte dessa mesma liderança, dos transes glossolálicos, do êxtase, do pietismo, dos milagres, das curas sobrenaturais, em suma, desse retorno sem peias à magia. Mas as resistências não decorrem apenas desse retrocesso mágico abrupto, inesperado e internacionalmente organizado. Devem-se também ao fato de que, inicialmente, tais práticas e crenças mágicas constituíam marcas distintivas do pentecostalismo e, desde meados do século, de cismas e segmentos do protestantismo histórico em processo de “pentecostalização”. Processo que, agora, avança acelerado nas próprias filiais da Santa Sé.



Naturalmente, o Vaticano tudo fará para enquadrar a RCC, conferir-lhe uma identidade católica e torná-la seu braço evangelístico. Propósito em que obteve sucesso, já que os carismáticos participam dos sacramentos, rezam o terço, cultuam Nossa Senhora, são fiéis ao papa e, de quebra, começam a repovoar os templos católicos. Da mesma forma, a CNBB, no Documento 53, *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, estabelece uma série de normas e restrições para tentar conter os “excessos” mágicos e proféticos desse movimento católico.

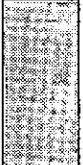
Os mais ferrenhos opositores da RCC, no campo católico, são as CEBs. Estas criticam a alienação política dos carismáticos, por estes, em sua teologia e prática pastoral, desconsiderarem os problemas sociais, a miséria, a injustiça social. Como a adversidade é recíproca, os adeptos da RCC invertem a crítica ao combater tenazmente a politização da Igreja. Embora não rejeitem a política partidária e até elejam seus representantes, pretendem, como os pentecostais, transformar a sociedade por meio da conversão individual e da inculcação da moral cristã. Para tanto, priorizam a evangelização, a instituição familiar, o culto mariano, a vida santificada em comunhão com o Espírito e sob o senhorio de Cristo.

Imbuídos de visões e projetos antagônicos, que cada vez mais se chocam no dia-a-dia das comunidades, esses grupos passam atualmente por situações diametralmente opostas. A RCC não pára de crescer, enquanto as CEBs, embora ainda fortes nos bairros mais pobres, onde a RCC tem menor penetração, encontram-se em refluxo

contínuo há uma década. São várias as razões de seu desgaste e esvaziamento. Prandi menciona as seguintes: redemocratização do país; surgimento de novos partidos políticos de esquerda e de novos atores políticos na sociedade civil; posterior refluxo dos movimentos sociais devido à crise do socialismo no Leste europeu e do pensamento de esquerda; intervenção conservadora do Vaticano, com a nomeação de bispos não-progressistas, divisão de paróquias, punição de expoentes da Teologia da Libertação; evasão de fiéis dos estratos mais pobres para as Igrejas pentecostais e outras religiões; ênfase das CEBs nos problemas coletivos em detrimento da vida privada; distanciamento entre os agentes de pastoral e a base.

Apesar das resistências, aos poucos os carismáticos vão sendo aceitos pela estrutura eclesial e a ela se integram. Não obstante sua posição periférica, assumem a tal ponto a identidade católica e a condição de religião hegemônica que, arvorando-se em defensores de sua fé, elegem os demais grupos religiosos como inimigos a derrotar. Pouparam apenas os pentecostais, os quais rotulam de “irmãos pródigos”. Por compartilharem de suas crenças e deles se originarem, dedicam-lhes, segundo Prandi, críticas dissimuladas. A principal delas diz que o grande defeito dos pentecostais foi ter abandonado a “Igreja verdadeira”, a Católica, fundada por Jesus e pelo apóstolo Pedro, para criar “seitas” que divergem entre si.

Ao comparar RCC e pentecostalismo, o autor, com base em amplo *survey* realizado pelo *Datafolha*, mostra que estes movimentos religiosos se dirigem a públicos diferentes. As Igrejas




pentecostais, mais concentradas nas capitais e regiões metropolitanas, arregimentam os estratos mais pobres, menos escolarizados e mais escuros da população, enquanto a RCC, mais concentrada nas cidades do interior, angaria adeptos, 70% dos quais mulheres, especialmente na classe média baixa. Esses dados nos permitem compreender por que as Igrejas pentecostais, sobretudo a vertente neopentecostal (mais recente, menos ascética e sectária que suas predecessoras), introdutora da Teologia da Prosperidade no Brasil, fomentam as aspirações dos fiéis de caráter material e financeiro, enquanto os carismáticos tendem a relegar tais questões a segundo plano.

Os seguidores da RCC, segundo Prandi, atribuem menor importância à cura e à figura e ação do Diabo do que os pentecostais. Estes, mais pobres, pouco escolarizados e menos afeitos ao discurso racionalizado e abstrato, estariam mais propensos a buscar soluções e explicações de natureza mágica para seus problemas cotidianos. Com isso, a transformação comportamental dos crentes se daria fundamentalmente por meio da magia, isto é, por intermédio da ação onipotente e direta do Senhor ou pela expulsão ritual de demônios, responsáveis, na ótica pentecostal, por todos os males da humanidade. Já na RCC, a mudança de comportamento dos fiéis decorreria da interiorização de padrões e normas de conduta, ou da internalização de valores e compromissos éticos de inspiração bíblica. Em suma, se, a partir do imediatamente acima exposto, tipificássemos à Weber estes movimentos religiosos, diríamos que o pentecostalismo está para a magia assim como a RCC está para a religião e, portanto, para a ética.

Não se contesta que pentecostais de todos os matizes valorizem e enfatizem, mais do que os carismáticos, a cura, as questões materiais e a ação demoníaca. Mas isso não implica que as Igrejas pentecostais deixem de fazer exigências éticas ou de imprimir na conduta dos fiéis a observância de vários tabus comportamentais. Pelo contrário, seu rigorismo ético, ainda mais radical que o da RCC, é por demais conhecido e objeto até de um sem-número de críticas. Mesmo as denominações nitidamente mais mágicas e liberais, caso da Igreja Universal, exemplo que o autor compara à RCC (igualmente mágica), estabelecem orientações tipicamente puritanas, “moralistas”: contra o homossexualismo, a pornografia, as drogas, o sexo fora do casamento, a ingestão de bebidas alcoólicas, o fumo, os jogos de azar, a assistência a programas de TV que exploram a violência e a sexualidade, a frequência a bares, danceterias, cinemas, a participação no Carnaval e demais festas mundanas etc. Portanto, independentemente da preeminência, em certas Igrejas, da ação diabólica e dos ritos de exorcismo, que tendem a debilitar a noção de livre-arbítrio, a obediência às normas e restrições citadas implica sua internalização mediante a socialização do fiel na comunidade dos eleitos.

Se a RCC tem sido bem-sucedida nas cidades do interior, onde, com o peso da tradição e estrutura católicas, principia a estancar a expansão pentecostal, nas capitais e regiões metropolitanas sua penetração é bem inferior, sobretudo nos bairros pobres, periféricos. Nelas, os evangélicos, os cultos afro-brasileiros e os kardecistas obtêm seu melhor desempenho. Embora os cons-



trangimentos impostos pela instituição tendam a diminuir sua flexibilidade, limitar seu modo de ação, isso, apenas, não explica o insucesso da RCC junto às classes populares, nas quais proliferam as demais religiões. Quanto a isso, vale notar que, como escreve Prandi, se a RCC pretende recuperar o terreno católico perdido, alguma coisa está errada.

Por fim, conquanto distintos em vários aspectos, RCC e pentecostalismo querem, por

meio da evangelização, recristianizar a sociedade. Seu “eldorado” mítico é a velha cristandade, quando a religião cristã imperava sobre tudo e todos. Para chegar lá, concebem a mídia eletrônica, e não a política, como o mais eficaz dos instrumentos. Isto é, para crescer e conquistar poder, diante da acirrada competição no mercado religioso, em vez dos pobres ou da política, ambos os movimentos religiosos fizeram a opção pelo *marketing*. ■